

DESDE JÁ HABITANDO NA CASA DO PAI: LENDO JOÃO 14.2-3 À LUZ DO SEU CONTEXTO¹

Jeffrey Gibbs²

Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu já lhes teria dito. Pois vou preparar um lugar para vocês. E, quando eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, vocês estejam também.³

Resumo: O tema do presente artigo é a escatologia inaugurada presente no evangelho segundo João, especialmente destacada nas conhecidas palavras de Jesus em João 14.2-3. Essas palavras expressam a ênfase no “já” da obra do Pai em Jesus, indicando que a vida eterna já está disponível por meio da fé nele. Os resultados da pesquisa indicam que as interpretações populares desses versículos, que os associam diretamente ao céu e à morte dos crentes, carecem de apoio no contexto de João 13-14 e contradizem as características principais do evangelho de João. Em vez disso, argumenta-se que “a casa de meu Pai” se refere ao próprio Jesus como o novo templo escatológico, e as promessas de Jesus se cumpriram através de sua morte e ressurreição, oferecendo proximidade com Deus e garantindo um lugar para seus discípulos na comunhão com ele.

Palavras-chave: Escatologia. João. Casa do Pai. Templo escatológico.

1 Guilherme Knupfer, tradutor. Tradução e publicação autorizadas pelo periódico teológico *Concordia Journal*, v.49, n.1, 2023, Concordia Seminary, St. Louis, USA.

2 Professor emérito do Concordia Seminary, Saint Louis. Suas áreas de interesse e especialização incluem os Evangelhos Sinóticos, a escatologia do Novo Testamento e Mateus.

3 Todas as traduções em português são da Nova Almeida Atualizada, salvo indicação em contrário.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, argumentarei que as conhecidas palavras de Jesus em João 14.2-3 expressam uma característica importante do evangelho segundo João. Essa característica é a escatologia inaugurada de João, ou seja, sua ênfase no “já” da obra do Pai em Jesus, em oposição ao “ainda não” das promessas de Deus em seu Filho. O exemplo mais claro dessa característica em João talvez seja a reiterada promessa da vida eterna agora por meio da fé em Jesus (3.16; 20.30-31): a passagem da morte para a vida já ocorreu por meio da fé (5.24).⁴ Nas páginas seguintes, argumentarei que as promessas contidas em 14.2-3 já foram cumpridas por meio da morte de Jesus e de sua ressurreição dentre os mortos. Isso explica o título deste artigo, “Desde já habitando na casa do Pai”.

Ao defender esse argumento, estarei sugerindo que o que poderia ser chamado de “o entendimento popular” desses versículos não tem atendido suficientemente ao contexto de João 13-14. Além disso, temas mais amplos no evangelho de João, especialmente o tema de que Jesus é o “novo templo”, tornam improvável o entendimento popular de 14.2-3. Os sermões (sobretudo em funerais) geralmente interpretam as palavras de Jesus respondendo às duas perguntas mais importantes levantadas pelo texto da seguinte maneira: Primeiro, “a casa de meu Pai” é considerada uma referência ao céu. Em segundo lugar, a promessa de Jesus “Eu voltarei e os receberei para mim mesmo” se refere à morte de um crente quando sua alma vai para estar com Cristo no céu. A paráfrase a seguir expressa esse entendimento popular: “No céu há muitas ‘moradas’ de segurança e bênção. Estou indo para o céu agora e prepararei um lugar para você no céu e, quando você morrer, virei e o levarei para o seu lar/mansão celestial”.

Por outro lado, defenderei respostas diferentes para cada uma dessas duas perguntas. Proponho que as palavras de Jesus possam ser parafraseadas da seguinte forma: “Em mim, o novo templo, há muitas ‘moradas’ de segurança e bênção. Estou indo à cruz para preparar um lugar para vocês e, na Páscoa, voltarei e os receberei a mim, de modo que, a partir de então,

⁴ Andreas Köstenberger, *John* (Grand Rapids: Baker, 2004), p.188, diz sobre 5.24: “O pronunciamento representa uma das mais fortes afirmações da escatologia realizada (inaugurada) no Evangelho de João”.

onde quer que eu esteja, vocês também estarão lá – em mim, ou seja, na casa de meu Pai”. Caso meu argumento se provar convincente, permita-me acrescentar que João 14.2-3 ainda pode servir como um texto para um funeral cristão, e vou sugerir brevemente a aplicação no final deste artigo.

Meu argumento procederá da seguinte forma: Em primeiro lugar, mostrarei que, entre os comentaristas, o entendimento popular não é de maneira alguma universal ou talvez nem mesmo generalizado. Ademais, ele carece de apoio no contexto próximo de João 14.2-3. Em segundo lugar, esta redação fará um rápido levantamento de duas características maiores em João: (1) o tema de Jesus como o novo templo/cumprimento do templo e (2) a jornada de Jesus vindo do Pai e voltando para o Pai. Em terceiro lugar, uma olhada no contexto próximo em João 13 e 14 preparará o cenário para a exegese de 14.2-3. Por fim, à luz daquilo que será apresentado, traduzirei e comentarei João 14.2-3, especialmente as duas perguntas-chaves: “O que é ‘a casa de meu Pai?’” e “Para onde Jesus está indo e quando ele voltará para levar os apóstolos para si mesmo?”

CONTESTANDO O ENTENDIMENTO POPULAR

Pode ser que, ao longo dos séculos, muitos tenham lido as palavras de Jesus com o entendimento popular.⁵ Contudo, essa não é, de modo algum, a única maneira como as palavras de Jesus foram interpretadas, especialmente as palavras “eu voltarei”. Por exemplo, um olhar na série “Ancient Christian Commentary” mostra que, na maioria das vezes, as fontes citadas ali consideram que as palavras de Jesus “eu voltarei” se referem à segunda vinda de Cristo.⁶ Cirilo de Alexandria afirma explicita-

5 Veja, por exemplo, Lutero em Jaroslav Pelikan (Ed.) e Daniel E. Poellot (Ed. asst.), *Sermons on the Gospel of St. John*, Chapters 14-16 (St. Louis: Concordia Publishing House, 1961), 25-31. Para ser justo, as palavras de Lutero nunca mencionam explicitamente *quando* Jesus “voltará e tomará” os discípulos para si, e essa é uma pergunta crucial que precisa ser respondida. O reformador se refere ao “céu” em oposição à “terra”, e ele contrasta “lá” com “aqui”, então parece provável que ele esteja se apegando ao “entendimento popular”, como eu o chamei.

6 Joel C. Elowsky (Ed.), *John 11-21* (Downers Grove, IL: Intervarsity, 2007), 121-123. Elowsky oferece citações de Irineu, Tertuliano, Agostinho, Gregório de Nazianzo, Teodoro de Mopsuéstia e Cirilo de Alexandria. As breves citações nem sempre expressam o suficiente para julgar com confiança tudo o que um determinado escritor pretendia dizer. Tertuliano, entretanto, parece entender as palavras de Jesus, “quando eu voltar”, para se referir à ressurreição do corpo (121). Em termos

mente que as palavras de Jesus falam da “renovação de todas as coisas”, e Cirilo apresenta 1 Tessalonicenses 4.13-18 em apoio a esse entendimento escatológico.⁷

Ao preparar esta redação, também consultei quinze comentários (relativamente) modernos sobre o evangelho de João.⁸ Nenhum deles adota o entendimento popular da expressão “eu voltarei”, *simplesmente*. Quatro dos autores afirmam que a “volta” de Jesus não se refere a “um único ato”, mas a várias vindas, das quais apenas uma poderia ser o fato de o Senhor levar a alma de um crente para o céu.⁹ Dez escritores concluem que as palavras de Jesus sobre a volta se referem à segunda vinda.¹⁰ Vários autores desse último grupo rejeitam explicitamente o entendimento popular a respeito da

de “a casa de meu Pai”, Agostinho (121) diz explicitamente que isso se refere ao “templo” da igreja, citando 1Co 3.17 como apoio. No que diz respeito à “localização” dos discípulos quando Jesus vem para levá-los para si mesmo, Agostinho também afirma: “Quando ele diz, portanto, ‘Para que onde eu estiver, estejais vós também’, onde mais eles poderiam estar senão nele mesmo?”

7 Cirilo de Alexandria, *Commentary on John*, v.2, tradução David R. Maxwell (Downers Grove, IL: Intervarsity, 2015), p.148.

8 Consulte Craig S. Keener, *The Gospel of John: A Commentary*, v.II (Peabody, MA: Hendrickson, 2003), 937-938, para uma breve pesquisa sobre a interpretação de João 14.2-3 e, especialmente, a promessa de Jesus: “Eu voltarei e os levarei para mim mesmo”.

9 A frase “um único ato” é de Henry Alford, *Alford’s Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, v.1, parte 2 (Holt, MI: Guardian, 1976), p.850. Alford afirma que “quando eu voltar, tomarei você para mim” refere-se à Páscoa, ao Pentecostes, à obra do Espírito na vida do crente, ao descanso da alma com Cristo no céu após a morte e à Segunda Vinda. B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John: The Greek Text with Introduction and Notes* (Grand Rapids: Eerdmans, 1954), p.168-169, expressa uma visão praticamente idêntica à de Alford. C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John: An Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text*, 2nd ed. (Louisville, KY: Westminster, 1978), p.457, afirma que as palavras de Jesus se referem principalmente à Segunda Vinda, mas também à morte de um crente. A visão complexa de Raymond Brown, *The Gospel According to John (xiii-xxi): Introduction, Translation, and Notes* (Nova York: Doubleday, 1970) 626, surge de suas conclusões críticas sobre as fontes de João. Na camada mais antiga da tradição, de acordo com Brown, as palavras de Jesus devem ter se referido à sua Parusia, que se esperava que acontecesse “logo após sua morte”. Quando a Parusia foi de fato adiada e não aconteceu, então “uma possível reinterpretção” das palavras de Jesus passou a se referir à morte de um crente.

10 F. F. Bruce, *The Gospel of John: Introduction, Commentary, and Notes* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p.298; D. A. Carson, *The Gospel According to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p.488; Edward W. Klink III, *John* (Grand Rapids: Zondervan, 2016), p.616; Köstenberger, *John*, p.427; R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John’s Gospel* (Columbus, OH: Wartburg, 1956), p.974; J. Ramsey Michaels, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), p.771-772; Francis J. Moloney, *The Gospel of John* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1998), p.394; Leon Morris, *The Gospel according to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p.639; Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p.489-490; Charles H. Talbert, *Reading John* (Nova York: Crossroads, 1992), p.204.

morte do crente.¹¹ Um autor conclui que “eu voltarei” se refere às aparições de Jesus na Páscoa após a ressurreição.¹² Supondo que essa amostragem aleatória de comentários seja um tanto representativa, é evidente que o entendimento popular de João 14.2-3 dificilmente é universal e pode ser defendido por uma pequena minoria.

Várias outras observações, na verdade, contrariam o entendimento popular. Em primeiro lugar, o contexto anterior não o apoia ou sugere essa interpretação. Em resumo, nos versículos que antecedem 14.2-3, no cenáculo, Jesus previu sua própria morte e disse aos apóstolos que estava indo para onde eles não poderiam ir: “Para onde eu vou vocês não podem ir” (13.33) e “Para onde eu vou você não poderá me seguir agora, mais tarde, porém, me seguirá” (13.36). Pedro mostra sua ignorância: “Senhor, por que não posso segui-lo agora? Darei a minha vida pelo senhor” (13.37). A ironia é gritante. Jesus vai dar a vida por Pedro e por todos; quanto a Pedro, “antes que o galo cante, três vezes você me negará.” (13.38). D. A. Carson faz uma observação direta e apropriada: somente a morte de Jesus está em vista. Jesus está indo para a cruz.¹³

Em segundo lugar, mais adiante, no capítulo 14, parece relativamente claro que Jesus se refere novamente à sua morte na cruz e, provavelmente, também à sua ressurreição no terceiro dia (14.18-20):¹⁴

Não deixarei que fiquem órfãos; voltarei para junto de vocês. Mais um pouco e o mundo não me verá mais; vocês, no entanto, me verão. Porque eu vivo, vocês também viverão. Naquele dia vocês saberão que eu estou em meu Pai, que vocês estão em mim e que eu estou em vocês (NAA).

Supondo que as palavras de Jesus se apliquem inicialmente à vida dos apóstolos, parece quase perverso negar uma referência à morte e ressurreição de Jesus. Jesus pode estar se referindo a mais do que isso, mas certamente

11 Carson, 488, comenta: “No entanto, a única morte no contexto é a de Jesus...”. Veja também Lenski, 974, e Keener, *John*, 2.938.

12 Keener, *John*, 2.930, escreve: “... com sua morte, Jesus vai preparar um lugar na presença do Pai e voltará após a ressurreição como o caminho para a presença do Pai”.

13 Carson, *John*, 488.

14 Os versículos intermediários (Jo 14.4-17) não se referem de forma alguma à morte dos discípulos e sua ida para o céu. Em vez disso, eles enfatizam a escatologia presente no fato de que Jesus já é o caminho, a verdade e a vida, e que ele e o Pai estão um no outro agora.

está se referindo à Sexta-Feira Santa e à Páscoa. Se esse for o caso, então há uma ênfase tanto antes quanto depois de 14.2-3 nos eventos próximos, começando com a traição de Jesus e a negação de Pedro. Além disso, é extremamente improvável que “o dia” em que os apóstolos conhecerão a habitação mútua do Filho e do Pai com o crente (14.20, “que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós”) seja o dia da própria morte do crente.

Meu argumento aqui é simplesmente que a promessa de morrer e ir para o céu, por mais verdadeira que seja (cf. Fp 1.22-23), parece ausente do contexto, ao passo que a morte e a ressurreição de Jesus (e o envio do Espírito) são exibidas com destaque.

Tendo sugerido que o contexto próximo de João 14.2-3 não apoia o entendimento popular, posso prosseguir com a apresentação positiva deste artigo. Considerarei dois temas em João que influenciam a interpretação das palavras de Jesus aqui. O primeiro tema articula a identidade de Jesus como o novo templo, isto é, como o cumprimento perfeito da instituição do tabernáculo e do templo do AT. Jesus inicia a esperança de um novo templo escatológico em sua própria pessoa. O segundo tema consiste na descrição do evangelho mostrando todo o ministério de Jesus como uma “jornada” vinda de Deus Pai e de volta a Deus Pai.

JESUS COMO O “NOVO TEMPLO” EM JOÃO

O evangelho de João proclama que Jesus cumpre ou traz a seus objetivos várias instituições do Antigo Testamento; isso inclui o tabernáculo/templo do AT.¹⁵ Farei breves comentários sobre João 1.14, 51; 4.16-24; 7.37-39 e 2.13-22.

15 Consulte Bruce G. Schuchard, “Temple, Festivals, and Scripture in the Gospel of John”, em Judith Lieu e Martinus de Boer (Eds.), *The Oxford Handbook of Johannine Studies*. (Oxford, Reino Unido: Oxford, 2018), 381-383, para uma visão geral útil dos estudos recentes. Tratamentos completos recentes sobre esse tópico incluem Jacob Chanikuzhy, *Jesus, the Eschatological Temple: An Exegetical Study of Jn 2.13-22 in the Light of the Pre-70 C.E. Eschatological Temple Hopes and the Synoptic Temple Action* (Leuven, Bélgica: Peeters, 2012); Mary L. Coloe, PBVM, *God Dwells with Us: Temple Symbolism in the Fourth Gospel* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2001); Paul M. Hoskyns, *Jesus as the Fulfillment of the Temple in the Gospel of John* (Milton Keynes, UK: Paternoster, 2006); Alan R. Kerr, *The Temple of Jesus’s Body: The Temple Theme in the Gospel of John* (Salem, WI: Sheffield, 2002); James McCaffrey O.C.D., *The House with Many Rooms: The Temple Theme of Jn. 14,2-3* (Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1988).

a) João 1.14

Esse tema aparece pela primeira vez no evangelho em João 1.14: “E o Verbo se fez carne e habitou (ἐσκήνωσεν) entre nós, e vimos a sua glória, glória como do Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (tradução nossa)”. Tantos já observaram as implicações desse versículo para a “cristologia do templo” que não há necessidade de mais elaborações. Paul Hoskyns comenta: “Como introdução ao cumprimento e à substituição do Templo por Jesus, João 1.14 antecipa o desenvolvimento desse tema no Quarto Evangelho.”¹⁶ A presença única de Deus no mundo e sua glória salvadora e protetora em favor de seu povo são agora encontradas na carne de Jesus, em seu corpo.¹⁷ Aqui no prólogo, João está introduzindo temas cruciais que seu evangelho desenvolverá, e isso inclui Jesus como o novo templo.

b) João 1.51

João 1.51 é frequentemente citado como parte desse tema. Natanael confessou: “Rabi, tu és o Filho de Deus! Você é o Rei de Israel!” Jesus responde: “Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”. Uma alusão ao sonho de Jacó em Gênesis 28.10-22 em Betel (“casa de Deus”) é inegável. No entanto, há uma discordância acadêmica muito maior sobre como as palavras de Jesus expressam uma cristologia do “novo templo” ou da “presença divina”.¹⁸ Sem analisar os detalhes dessas discussões, o comentário de um acadêmico pode ser suficiente para conectar João 1.51 ao tema mais amplo de Jesus como o novo templo. Tomando 1.14, 16-18 e 1.51 juntos, Hoskyns resume:

16 Hoskyns, *Fulfillment*, p.125. Mary L. Coloe, “Temple Imagery in John”, *Interpretation* (outubro de 2009): 370, observa a respeito de João 1.14: “A escolha dos termos [σκηνώω e δόξα] para descrever a encarnação evoca longas tradições da presença de Deus no meio de Israel e os símbolos físicos dessa presença – a arca, o tabernáculo e o templo.” Veja também Kerr, *Temple*, 123, que resume parte da mensagem de João 1.14: “Uma nova Tenda do Encontro será estabelecida na pessoa de Jesus, cuja glória será manifestada a todos os que tiverem olhos para vê-la (2.11)”.

17 William C. Weinrich, *John 1.1-7.1* (Concordia Publishing House, 2015), p.180, comenta sobre João 1.14: “Na pessoa de Jesus, a glória de Deus será vista mais uma vez; Nele, o novo templo será erguido; Nele, um novo povo obediente será reunido; e Nele, uma adoração perfeita em verdade e Espírito será iniciada (cf. Jo 2.11, 18-22; 4.23-24; 9.1-38; 14.9; 19.35)” (Ênfase adicionada).

18 Weinrich, *John 1.1-7.1*, 290, observa: “João 1.51 provou ser um ponto crucial para os comentários modernos, e a passagem recebeu interpretações muito diferentes”.

Nesses versículos, Jesus surge como aquele que é capaz de revelar o Pai no céu e como o local principal da revelação divina. A apresentação de Jesus como o ponto central da revelação divina sugere que ele traz ao clímax a forma pelo qual Deus se comunica com seu povo na “casa de Deus”. Portanto, Jesus cumpre um propósito associado a Betel [em Gn 28.12], ao Tabernáculo e ao Templo. Por implicação, ele é um substituto adequado para esses lugares sagrados.¹⁹

c) João 4.16–24

Pulando o texto de João 2.13-22, por enquanto, as palavras de Jesus à mulher samaritana apresentam outro texto complexo, cuja profundidade está além dos objetivos desta breve pesquisa. Está claro, entretanto, que Jesus revela à mulher que a hora escatológica chegou em sua própria pessoa. No próprio Jesus veio o “agora” de um novo “lugar” onde o Pai deve ser adorado, tornando obsoleta a divisão entre judeus que adoravam no Monte Sião e samaritanos que adoravam no Monte Gerizim.²⁰ Jesus, como Messias, anunciou essas coisas à mulher (4.25-26).

d) João 7.37-39

O ensinamento de Jesus em João 7.37-39 na Festa, divinamente ordenada, dos Tabernáculos, também contribui para a cristologia do templo em João, especialmente em termos da esperança no judaísmo primitivo de um novo templo escatológico nos últimos dias.²¹ Nos dias de Jesus, a Festa dos Tabernáculos apresentava uma cerimônia diária de derramamento de água na base do altar do sacrifício; essa cerimônia não era obrigatória no próprio AT. No entanto, era uma característica proeminente do festival e, no final da festa de oito dias, havia um derra-

¹⁹ Hoskyns, *Fulfillment*, p.135.

²⁰ Weinrich, *John 1.1-7.1*, p.502, comenta sobre a natureza cristocêntrica da adoração ao Pai em Espírito e em verdade: “É por meio de Seu Espírito que Deus se relaciona com o homem, se revela ao homem, gera aqueles que são Seus filhos e leva os pecadores à fé. Uma vez que tudo isso é assim, é necessário que aqueles que adoram a Deus, que é espírito, O adorem “em Espírito e Verdade” (Jo 4.23-24), ou seja, como aqueles que foram gerados do alto pela água e pelo Espírito (Jo 3.3-8) e como Seus filhos vivem a vida do Espírito revelada e oferecida *na Palavra encarnada, que, como Filho do Pai, é a Verdade* (Jo 14.6; 17.17; cf. Jo 18.37)” (Ênfase adicionada).

²¹ Sobre essa expectativa no judaísmo primitivo, ver Chanikuzhy, *Jesus, the Eschatological Temple*, p.16-43; também Hoskyns, *Fulfillment*, p.96-102.

mamento final de água.²² Profecias como Ezequiel 47 (a água que flui do futuro templo restaurado) e Isaías 12.3-4a (“Com alegria tirareis água das fontes da salvação e direis naquele dia...”) provavelmente estão se unindo em João 7, expandindo o ensinamento anterior de Jesus de que ele é a fonte de água viva (Jo 4). João 7.37-39 proclama, no mínimo, que o próprio Jesus será a fonte de água viva que fluirá do futuro templo de Deus.²³ Em outras palavras, João 7.37-39, contribui para o tema (da seguinte maneira): Jesus desempenhará as funções do futuro templo prometido nos últimos dias.

e) João 2.13-22

O tema “Jesus como o novo templo” é visto de forma mais explícita em João 2.13-22. Na Páscoa, Jesus entrou no pátio do templo (τὸ ἱερόν) e simbolicamente acabou com todo o sistema de sacrifícios.²⁴ Ele denuncia a liderança e a corrupção que eles promoveram: “Não façam da casa de meu Pai uma casa de negócio” (2.16). A citação do evangelista do salmo 69.9 ressalta as palavras de Jesus; o templo (ἱερόν, 2.14, 15) é “a sua casa”, ou seja, a casa de Deus (2.17).²⁵ Quando os oponentes exigem um sinal para validar a ação radical de Jesus, sua linguagem muda: “Destruam este santuário (ναός) e em três dias eu o levantarei”. Apesar da mudança de ἱερόν para ναός, a resposta incrédula dos oponentes mostra que eles não acreditam que Jesus tenha mudado o foco; em suas mentes, ναός (como οἶκος) refere-se ao ἱερόν, o santuário propriamente dito, juntamente com os pátios, ou seja, a todo o projeto de construção iniciado décadas antes sob o reinado de Herodes I.

22 Bruce, *John*, p.181. Andreas J. Köstenberger, “John”, em G. K. Beale e D. A. Carson, eds. *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids: Baker, 2007), p.453, observa a discordância acadêmica sobre se o derramamento especial e final de água ocorreu no sétimo ou no oitavo dia dos Tabernáculos.

23 Carson, *John*, 322, resume: “Em termos gerais, então, o pronunciamento de Jesus é claro: ele é o cumprimento de tudo o que a Festa dos Tabernáculos previa”. Chanikuzhy, *Jesus, the Eschatological Temple*, 370, é mais enfático, concluindo: “Agora, é sobre o pano de fundo de uma cerimônia de água tão significativa que Jesus faz sua afirmação. Entendida à luz desse contexto, a reivindicação de Jesus de ser a fonte de águas vivas equivale a uma reivindicação de ser a nova rocha, a Jerusalém escatológica e o templo escatológico”.

24 Weinrich, *John 1.1-7.1*, 344-345, escreve: “Além disso, como a narrativa deixa claro mais tarde, Jesus não prevê um templo restaurado, purificado e reformado, mas um templo de um tipo totalmente diferente, a saber, o de seu próprio corpo (Jo 2.21; cf. Mc 14.58, “feito sem mãos”).

25 Para essa frase como um *terminus technicus* virtual do AT, veja abaixo o contexto do AT de 14.2.

Jesus mudou o foco, no entanto de forma oculta. O evangelista explica: “Mas ele estava falando do santuário (ναός) do seu corpo” (2.21). Sem dúvida, os líderes do templo de Jerusalém estão sob julgamento. Porém, o mais importante é que, à luz do ministério de Jesus como o novo templo, o antigo passará. Crucificado e ressuscitado dentre os mortos, o corpo de Jesus será o novo templo para o povo de Deus (2.22). Uma conclusão impressionante pode ser retirada do seguinte silogismo: (1) a casa do Pai de Jesus na Terra era o templo de Jerusalém; (2) de uma maneira maior, o próprio corpo de Jesus cumpriu e agora ocupa o lugar do templo; (3) portanto, o corpo de Jesus é a casa de Deus, a casa de seu Pai.²⁶ Essa cristologia é clara e está presente na narrativa. Essa cristologia não pode deixar de fundamentar a leitura de João 14.2-3, por causa de pelo menos três conexões entre os dois textos.

Primeiro, e mais obviamente, os textos estão conectados pela frase em comum: “a casa de meu Pai”, as duas únicas vezes em que essa frase ocorre no evangelho²⁷. Se em João 2.16-17 tanto o próprio Jesus quanto o Salmo 69.9 (LXX 69:10) se referem ao templo de Jerusalém (e seus pátios) como “a casa de meu Pai/Deus”, essa referência inicial na narrativa ajudará

26 Coloe, *God Dwells*, 73, escreve: “Jesus chama o οἶκος τοῦ θεοῦ de Israel, o οἶκος τοῦ πατρός μου. Com essas palavras, Jesus reivindica um relacionamento filial único com Deus... Por causa de seu relacionamento com o Pai, Jesus é o novo οἶκος τοῦ θεοῦ, pois nele a glória de Deus está presente e acessível à experiência humana”.

27 Às vezes, os estudiosos concluem que a mudança de οἶκος em 2.16 para οἰκία em 14.2 é significativa; veja, por exemplo, Coloe, *God Dwells*, p.160-162. Eu sugeriria que o uso dos dois substantivos por João não apoia essa conclusão. Ambos os termos podem se referir a um edifício (“uma casa”) ou a um conjunto de relacionamentos (“um lar”); veja BDAG. João emprega οἶκος três vezes, cada uma delas referindo-se a um edifício (2.16, 17; 11.20). Ele usa οἰκία cinco vezes. Além de aqui em 14.2, duas vezes se refere a uma casa ou família (4.53; 8.35). Duas vezes se refere a um edifício (11.31; 12.3) já nomeado com οἶκος em 11.20! A sinonímia de οἶκος e οἰκία também estaria de acordo com o estilo de João em geral. João frequentemente apresenta pequenas mudanças no vocabulário que não são semanticamente significativas. A mudança de ἀγαπάω para φιλέω em João 21.15-17 é provavelmente um exemplo desse hábito estilístico (assim Carson, *John*, 677-678; Brown, *John* 2.1103). Nesse mesmo texto, observe a sinonímia de “cordeiros” (τὰ ἀρνία) e “ovelhas” (τὰ πρόβατα), bem como “alimentar” (βόσκω) e “cuidar” (ποιμαίνω). Observe também que tanto ἀγαπάω (13.23; 19.26; 21.7, 20) quanto φιλέω (20.2) podem se referir a “o discípulo a quem Jesus amava”. Além disso, João emprega dois verbos diferentes para “enviar” como sinônimos; compare o fato de Jesus ter sido enviado pelo Pai (ἀποστέλλω em 5.36, 38; 6.29, 57, e πέμπω em 5.23-24, 30, 37; 6.38, 39, 44), bem como dois verbos relacionados para “receber” em 1.11-12 (παραλαμβάνω e λαμβάνω). Para uma visão geral extensa dessa característica do estilo de João, consulte Leon Morris, “Variation-A Feature of the Johannine Style”, 293-320 em Leon Morris, *Studies in the Fourth Gospel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1969).

o leitor a responder à pergunta levantada em João 14.2, ou seja, o que é “a casa de meu Pai” na qual há muitas moradas?

Os cenários comuns a 2.13-22 e 14.2-3 fornecem a segunda conexão. Ambos os textos ocorrem na época da Páscoa e em Jerusalém, perto do recinto do templo (2.13 e 13.1). Em João 2, o sistema sacrificial corrompido foi julgado por aquele que é o novo templo. Em João 14, Jesus está prestes a oferecer sua vida como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (1.29, 36).

Em terceiro lugar, em cada um desses dois textos, Jesus prevê de forma enigmática sua morte e ressurreição, mas ninguém entende o que ele está dizendo. Em João 2.21, o evangelista decodifica o enigma; “destruir” e “eu o reconstruirei” ficam esclarecidos quando João escreve: “Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo”. Em João 14.2-3, “Eu irei preparar um lugar para vocês” e “Eu voltarei e os levarei para mim” também (ou assim argumentarei) se referem à cruz e ao túmulo vazio, mas nenhum dos apóstolos no cenáculo entende Jesus de forma alguma.

Muito mais poderia ser dito sobre o tema de Jesus como o novo templo em João. Todas as referências acima precedem João 14 na narrativa, e estou afirmando que elas estimulam os ouvintes/leitores de João a entender João 14.2-3 de uma determinada maneira. Agora, farei uma descrição da “jornada” de Jesus no evangelho de João e, especificamente, como seu movimento até a cruz “se encaixa” como parte dessa jornada. Também vou sugerir que a jornada de Jesus é somente dele; o único movimento real dos discípulos em João é seguir Jesus com fé, tendo chegado a ele (ou sido atraídos por ele), o que também significa chegar ao Pai.

A JORNADA DE JESUS EM JOÃO

Em termos mais simples e amplos, a jornada de Jesus em João é tripla. Primeiro, Jesus desce da parte de Deus (Jo 8.42; 13.3; cf. “do céu”, 3.13, 31; 6.38).²⁸ Segundo, sua descida e presença no mundo tem o propósito de fazer a vontade do Pai (Jo 1.9; 6.38; 9.5; 11.27; 12.27); suas repetidas

²⁸ As muitas referências em João a Jesus como “aquele que o Pai enviou” pressupõem esse primeiro movimento na jornada geral de Jesus.

viagens a Jerusalém fazem parte dessa segunda fase do movimento geral.²⁹ Em terceiro lugar, Jesus ascenderá ou voltará para Deus, seu Pai (Jo 6.62; 7.33; 13.3), e o Pai enviará o Paráclito aos apóstolos (14.16, 26).³⁰ Embora o retorno a Deus, o Pai, seja repetidamente predito, o evangelho não narra de fato sua conclusão; não há nenhuma cena de ascensão, como há em Lucas/Atos. Toda a sequência básica é visível, por exemplo, nos versículos iniciais de João 13 e, especialmente, no versículo 3: “Sabendo Jesus que o Pai lhe entregara todas as coisas nas suas mãos, e que viera de Deus e para Deus voltava...”

Duas observações sobre a jornada são necessárias aqui. Em primeiro lugar, pode-se dizer que o segmento final da jornada de Jesus, a saber, o retorno/ascensão ao Pai, começou no sentido próprio quando Jesus se aproxima de ser elevado em glória, ou seja, quando sua hora chegou (12.23; 13.1). Isso se refere, em primeiro lugar, à glória paradoxal de sua crucificação (Jo 12.27-33). Também é importante, no entanto, enfatizar que a jornada de Jesus não vai direto da cruz “até o fim” de volta ao Pai. A jornada de Jesus de volta ao Pai envolve sua partida para a cruz, *seguida por seu retorno ao ressuscitar dos mortos* e, finalmente, culminando em sua ascensão (novamente, não narrada em João). Apoio suficiente para enfatizar a Páscoa como um “sub-movimento” distinto no retorno de Jesus ao Pai ocorre nas palavras de Jesus a Maria Madalena em João 20.17: “Não se apegue a mim, pois ainda não subi ao Pai”. Crucificado e ressuscitado dos mortos, Jesus ainda não completou a jornada de volta ao céu, ao Pai. Suas aparições, então, a Maria na manhã de Páscoa, aos dez na noite de Páscoa, aos onze (incluindo Tomé) uma semana depois e aos sete na Galileia, todas ocorreram como parte do movimento final de volta ao Pai. De fato, embora João enfatize fortemente a glória paradoxal da morte de Jesus por crucificação, *em João também é a glória de*

29 No índice, Bruce G. Schuchard, *The Word from the Beginning* (Bellingham, WA: Lexham, 2022) delinea as três primeiras viagens a Jerusalém como 1.19-3.36; 4.1-5.47; 6.1-10.42. Então, a quarta e última viagem a Jerusalém durante a última semana de sua obediência terrena ao Pai começa em 11.1.

30 Também se diz que o próprio Jesus enviou o Espírito aos discípulos (16.7; cf. 20.22). Em João 14 e 16, o foco permanece firme na palavra de Jesus *aos apóstolos*. Outras gerações de crentes receberão a palavra apostólica (17:20-21) e também crerão e serão levados à unidade com o Pai e o Filho por meio do Espírito.

*Jesus ressuscitar dos mortos.*³¹ Como o próprio Jesus disse, o próprio propósito (ἵνα) pelo qual ele dá a vida é para que possa retomá-la (10.17), e a autoridade que ele tem para dar a vida e retomá-la é a ordem que recebeu do Pai (10.18).

Segundo, a jornada de Jesus em João é apenas isso: a jornada dele e dele somente. Os discípulos não são descritos em nenhum lugar como acompanhando Jesus em sua jornada e, de certa forma, os discípulos “se movem” ou “viajam” muito pouco nesse evangelho. Certamente nunca se diz que eles vieram de Deus ou do céu, embora tenham nascido do alto (Jo 3). Os discípulos também não ascenderão a Deus como Jesus fará; pelo contrário, Jesus declara que eles não poderão segui-lo e que ele está indo embora e vai deixá-los para que o Paráclito possa vir (14.25-26; 16.7). O Pai deixará os discípulos no mundo, em vez de tirá-los dele (17.15) e, no final do evangelho, Jesus os envia ao mundo, assim como o Pai o enviou (20.21). Enquanto estão no mundo, os “movimentos” feitos por seus discípulos consistem em vir a Jesus (5.40; 6.37, 65; 7.37), ser atraídos a ele (6.44; 12.33) e ao Pai (14.6) e, ao serem atraídos, eles seguem Jesus (8.12; 10.27; 21.19) como aqueles que permanecem nas mãos do Pai (10.27-30). Não há nenhuma indicação (deixando de lado a interpretação de João 14.2-3 por enquanto), em nenhuma parte de João, de que Jesus

31 Minha impressão é que esse último ponto às vezes pode ser negligenciado nos estudos do evangelho de João. Lembre-se de que a ressurreição de Lázaro cumpre a promessa de Jesus a Marta de que ela veria “a glória de Deus” (Jo 11.40), e que anteriormente Jesus declarou aos discípulos: “Essa doença não é para morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela”. Afinal de contas, Jesus é a Ressurreição e a Vida (11.25); se a restauração de Lázaro revela a glória de Deus, quanto mais o Filho retomando sua vida! Observe também que o evangelista comenta em 12.16: “Seus discípulos a princípio não compreenderam isso [no Domingo de Ramos]. Mas, quando Jesus foi glorificado, então eles se lembraram de que essas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que tinham feito isso com ele”. É extremamente improvável que os discípulos tenham se lembrado somente após a morte de Jesus. Em vez disso, essa lembrança por parte dos discípulos ocorreu quando a lembrança de João 2.22 também ocorreu, a saber: “Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, os discípulos dele se lembraram...” (assim Schuchard, *The Word*, p.21). A própria ressurreição de Jesus como sua glorificação também está implícita em 7.39: “Isso ele disse a respeito do Espírito que os que nele cressem haviam de receber; pois o Espírito até aquele momento não tinha sido dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado”. Não obstante a descrição de João da morte de Jesus (19.30, “ele entregou o espírito” [παρέδωκεν τὸ πνεῦμα]), o cumprimento de 7.39 vem em 20.22, onde o crucificado e ressuscitado –isto é, o *glorificado* – Jesus soprou sobre os discípulos e disse: “Recebam o Espírito Santo” (λάβετε πνεῦμα ἅγιον); assim Schuchard, *The Word*, 18.

leva ou levará os discípulos para outro lugar. Pelo contrário, ele os deixa no mundo e, no último dia, os ressuscitará dos mortos.³²

Esses dois temas maiores no evangelho de João – a identidade de Jesus como o novo templo e os contornos da jornada de Jesus de Deus e de volta a Deus – fundamentam a interpretação de João 14.2-3. A etapa preparatória final do argumento deste ensaio será uma análise do contexto próximo, tanto antes quanto depois de 14.2-3.

OBSERVAÇÕES DO CONTEXTO PRÓXIMO

a) João 13.1-38

João 13 destaca repetidamente o movimento de Jesus em direção à cruz e ao túmulo vazio como parte de sua jornada de volta ao Pai. A introdução do evangelista destaca o cenário da Páscoa, o amor-doação de Jesus e a jornada (13.1-3). A cena do lava-pés (13.4-20) é uma profecia visual da morte e ressurreição vindouras do próprio Jesus,³³ bem como um chamado para que os apóstolos imitem o exemplo de seu mestre (ὑπόδειγμα, 13.15) de amor sacrificial. O Senhor sabe muito bem que eles não entendem; ele age e fala “[para] que, quando isso acontecer, vocês creiam que eu sou ele” (13.19).

No capítulo 13.21-30, após o lava-pés, Jesus prevê a traição de um dos apóstolos. Embora Judas tenha sido identificado pelas palavras de Jesus a ele, e Satanás tenha entrado em Judas, os outros apóstolos ainda não tinham entendido. João anuncia que era noite e, de certa forma, os discípulos estão todos no escuro (13.30).

32 Não estou negando que em outros lugares o NT fala de morrer/partir e estar com Cristo (Fp 1.23). Estou afirmando que isso não é enfatizado no evangelho de João.

33 Jesus pôs de lado (suas) vestes (13.4, τίθησιν τὰ ἱμάτια) e depois tomou as vestes e se reclinou à mesa novamente (13.12, ἔλαβον τὰ ἱμάτια καὶ ἀνέπεσεν πάλιν). Essa descrição ecoa o discurso do Bom Pastor, no qual Jesus promete que dará sua vida para que possa retomá-la (10.17-18, ἐγὼ τίθημι τὴν ψυχὴν μου ἵνα πάλιν λάβω αὐτήν). Barrett, *John*, p.439, comenta: “Quando Jesus deixa de lado suas vestes em preparação para seu ato de humildade e purificação, ele prefigura a entrega de sua vida”. Brown, *John* 2.551, observa que o verbo para a remoção das roupas de Jesus “é o mesmo verbo (tithenai) usado em 10.11, 15, 17, 18 para a entrega da vida. Um paralelo deliberado não está fora de questão, uma vez que a ação correspondente de tomar (tanto o manto quanto a vida) também é expressa por um verbo (lambenein) em 13.12 e 10.17, 18. “Tudo isso serve para relacionar o lava-pés [sic] com a morte do Senhor.” E eu insistiria em acrescentar a *ressurreição* do Senhor.

João 13.31-38 completa o período que antecede o nosso texto. Anunciando que sua própria glorificação (e a do Pai) está próxima, Jesus diz aos discípulos que estará com eles por um pouco de tempo (13.33, ἔτι μικρόν), mas depois eles não poderão seguir para onde ele está indo. Ele repete o mandamento do amor, que foi o ponto central de seu ensino naquela noite. Pedro pergunta para onde Jesus está indo, e o Senhor responde: “Para onde eu vou, você não pode me seguir agora, mas você me seguirá mais tarde”. Em uma ignorância irônica, Pedro afirma ser capaz de seguir Jesus naquela noite, a ponto de dar a vida por ele. Jesus declara que Pedro o negará três vezes antes que o galo cante. Somente mais tarde (ἄστερον) Pedro seguirá Jesus (13.36-38).

Que direção esse contexto anterior fornece para 14.2-3? A resposta mais óbvia é ao mesmo tempo a resposta crucial e suficiente. A morte de Jesus – esperada, prometida e mal compreendida – rege o contexto. Jesus está indo para onde somente ele pode ir: para a sua glória na cruz. Nenhum deles pode segui-lo até essa glória, para o lugar onde ele tirará suas roupas, sua dignidade, sua majestade, ou seja, dará sua vida por eles; tudo isso acontecerá em pouco tempo.

Mas Jesus não está indo apenas para a cruz. Ele vestirá suas roupas, sua dignidade e sua majestade novamente, retomando sua vida no terceiro dia.³⁴ Conforme Jesus prometeu, mais tarde Pedro o seguirá, e essas palavras se tornam realidade no final do evangelho. Naquela noite, Pedro não o seguiu; ele negou Jesus três vezes. Mas depois que ele retomou sua vida, a pergunta tríplice de Jesus e a comissão restauradora trazem a reconciliação: “Segue-me” (21.19). João 13 ressalta a morte e a ressurreição vindouras de Jesus.

b) João 14.4–31

João 14.4-14 está estruturado em torno das perguntas de Tomé e Filipe e das respostas de Jesus. Tudo é desencadeado pela declaração de Jesus: “E vocês sabem para onde eu vou” (14.4). O que Tomé diz é mais verdadeiro do que ele imagina: “Senhor, nós não sabemos para onde você está indo. Como podemos saber o caminho?” Estando diante

³⁴ Schuchard, *The Word*, p.81, escreve a respeito de 13.33: “Eles o buscarão. Mas somente ele irá para a cruz. Somente ele descansará na sepultura. Somente ele ressuscitará (2.19)”.

deles, o próprio Jesus já é o caminho, a verdade e a vida; somente ele dá acesso ao Pai. Conhecer Jesus é conhecer o Pai. Filipe, juntando-se a Tomé na incompreensão, diz: “Mostre-nos o Pai”. Ele tem Jesus diante de si e, como Jesus está no Pai e o Pai está em Jesus, a pergunta de Filipe mostra apenas sua incapacidade de entender. Esses versículos enfatizam o acesso ao Pai, que já está presente em Jesus, e a profunda unidade mútua do Filho e do Pai.

João 14.15-26 contém a primeira promessa do Espírito/Paracleto (14.15-17). Em seguida, Jesus fala de movimentos: seu próprio movimento, mas também do Pai (14.18-24). Depois, suas palavras voltam a prometer o Espírito (14.25-26). Jesus partirá, e isso permitirá que o Espírito seja dado, mas sua partida não fará com que os discípulos fiquem órfãos. Não, Jesus virá até eles. Embora o mundo não o veja, os discípulos o verão, “e porque eu vivo, vós também vivereis” (14.19). Então eles entenderão a unidade mútua do Filho e do Pai. Além disso, o Pai e o Filho virão até o crente e farão morada com ele. Quando o Pai enviar o Espírito, este lembrará os apóstolos de tudo o que Jesus disse. Dado o curso da própria narrativa do evangelho, a sequência dos movimentos divinos (pelo menos em relação aos apóstolos no cenáculo) será a partida de Jesus, depois seu retorno e, em seguida, a doação do Espírito e a vinda do Pai e do Filho para o crente.³⁵

A última seção desse capítulo (14.27-31) começa com consolo e um convite para não ficarmos perturbados ou com medo. Isso se baseia na promessa de que Jesus partirá, voltará e depois completará sua jornada para o Pai.³⁶ Embora essas palavras devessem confortar, os discípulos não entendem que a partida de Jesus e sua volta para eles são parte integrante da jornada de Jesus para o Pai (14.28b). Como sugeri acima, a jornada de Jesus para o Pai envolve seu movimento para a cruz, bem como seu retorno aos seus seguidores nas aparições pós-ressurreição de João 20-21, culminando em seu retorno ao Pai, de quem ele veio.

35 Coloe, “Temple Imagery”, p.376, descreve o movimento em João 14.10, 17, 23, 25: “É um movimento ‘descendente’ do reino divino para o humano, não um movimento ‘ascendente’ do humano para o divino”.

36 14.27-29 se assemelha muito ao conteúdo e à sequência de 14.1-3. Cada um deles começa com um convite para que o coração dos discípulos não se perturbe, seguido pela promessa de que Jesus deixará os discípulos para retornar a eles.

RESUMO DO CONTEXTO PRÓXIMO

O que o contexto próximo de João 14.2-3 enfatiza? João 13.1-38 aponta enfaticamente para o objetivo de toda a narrativa, ou seja, a morte e a ressurreição de Jesus. Tudo aponta para essa direção: a cerimônia do lava-pés, a escuridão da traição de Judas e a ignorância dos discípulos, e a incapacidade de Pedro de ver que agora ele não pode seguir Jesus para o lugar onde somente o Senhor irá e que Pedro mais tarde seguirá. Na medida em que o ouvinte/leitor prossegue em direção a João 14, ele está sendo preparado para mais ensinamentos que dizem respeito diretamente à morte e ressurreição de Jesus.

Em João 14.4-31, a ênfase na morte e ressurreição de Jesus continua, mas também *se amplia* devido, principalmente, à promessa de que o Espírito será enviado; isso se estende para além da Sexta-Feira Santa e da manhã de Páscoa.³⁷ Antes de o Espírito ser mencionado, no entanto, Jesus enfatiza (14.4-14) que ele já é o caminho, a verdade e a vida, e que o relacionamento de Jesus, o Filho, com o Pai é exclusivo e exclusivamente salvífico. Ver o Filho é ver o Pai; o Filho está no Pai e vice-versa. Levando em conta essa ênfase, é difícil ver como 14.2-3 pode ser lido como se “a casa de meu Pai” fosse algum outro lugar para o qual Jesus precisaria viajar. Estou construindo um argumento, é claro, para apoiar a visão de que Jesus é a casa do Pai, o novo templo.

O envio do Espírito está intimamente relacionado à jornada de Jesus para longe dos discípulos e de volta a eles; também está prometida a vinda do Pai e do Filho para criar um lugar permanente dentro do crente (14.23).³⁸ O envio do Espírito e a vinda do Pai e do Filho para criar um lugar dentro dos crentes ocorrem após a conclusão da jornada de Jesus de volta ao Pai. Como parte dessa jornada, Jesus deixará os discípulos e voltará para eles (14.18-19). Carson está certo ao considerar que essas palavras se referem à cruz e ao túmulo vazio.³⁹ O mesmo

37 Escrevo “manhã de Páscoa” porque o Espírito é dado pela primeira vez aos apóstolos na noite daquele primeiro dia da semana, o primeiro dia da Nova Criação.

38 A vinda de Jesus e o envio do Espírito estão tão intimamente alinhados que Cirilo, *John*, 2.180-181 parece equiparar os dois, já que, como membros da Trindade, o Filho e o Espírito são da mesma substância. Tanto Lenski, *John*, 1002, quanto Köstenberger, *John* 434, chegam a uma conclusão muito semelhante, embora por razões diferentes das de Cirilo.

39 Carson, *John*, p.501, observa que várias opções interpretativas são escolhidas com relação à

entendimento para 14.28 parece provável; o movimento de Jesus para a cruz e para fora do túmulo são essenciais para o retorno final ao Pai e acontecem antes do envio do Espírito. A sequência, então, seria (1) a saída de Jesus dos discípulos e o retorno a eles, (2) o retorno completo de Jesus ao Pai e (3) o envio do Espírito, que pode, ao mesmo tempo, referir-se também à vinda do Pai e do Filho para fazer sua morada no crente⁴⁰.

Gastei um espaço considerável estabelecendo as bases necessárias para uma leitura contextual de João 14.2-3. Ao voltar agora para esses versículos à luz desse contexto, duas perguntas permanecerão no foco principal: (1) o que é a “casa de meu Pai” e (2) quando Jesus voltará para os discípulos e o que ele fará por eles?

EXEGESE DE JOÃO 14.2-3

a) Tradução e notas

Na casa de meu Pai há muitas moradas.⁴¹ Se [isso] não [fosse assim],

vinda de Jesus aos discípulos em 4.18-19: Páscoa, a doação do Espírito, a Parusia. Optando pela Páscoa, ele escreve sensatamente: “Afinal de contas, o momento em que os discípulos reconhecem que Jesus está no Pai e o Pai está em Jesus é aquele dia em que Jesus ressuscitou dos mortos...” Veja também Schuchard, *The Word*, p.84.

40 É difícil descrever com precisão a relação temporal entre a jornada de Jesus ao Pai e o envio do Espírito. Por um lado, João 20.22 narra o fato de Jesus ter dado o Espírito aos apóstolos antes de voltar para o Pai. Por outro lado, várias vezes Jesus promete que o Pai dará o Espírito aos apóstolos e também, presumivelmente, às gerações posteriores de crentes. João não narra a entrega mais geral do Espírito (ou seja, no Pentecostes), e é difícil decidir se Jesus, em João 14-16, se refere, mesmo que obliquamente, ao Pentecostes.

41 O substantivo *μονή* (plural aqui, *μοναί*) ocorre duas vezes no NT, aqui e em 14.23; a única ocorrência na LXX é 1 Macabeus 7.38. Westcott, *John*, 167 observa que a tradução “mansões (moradas)”, devido à influência da KJV, “vem da Vulgata *mansiones*, que eram lugares de descanso, e especialmente as ‘estações’ em uma grande estrada onde os viajantes encontravam frescos”. A palavra não significa “mansões”, mas, sim, “lugar de moradia” (Louw-Nida Greek Lexicon, 1.732), “um estado de permanência em uma área, um lugar em que se fica” (BDAG, 658). Muitos observaram que, em João, a correlação mais importante conecta o substantivo *μονή* ao verbo relacionado e teologicamente significativo *μένω*, “permanecer, habitar”. Ver Keener, *John*, 934-936; Bruce, *John*, 297; Kerr, *Temple*, 300-301. Eu o traduzi como “abiding-rooms [dormitórios]” para evocar uma das glosas padrão em inglês para *μένω* (“to abide” [permanecer]) e, assim, ligá-lo aos usos desse verbo no discurso do cenáculo (ver 14.10; 15.4-10, 16).

eu lhes teria dito,⁴² porque⁴³ vou preparar um lugar para vocês. E se eu for e preparar um lugar para vocês, voltarei⁴⁴ e os receberei⁴⁵ para mim mesmo, para que onde eu estiver, vocês também estejam⁴⁶.

b) Comentário sobre 14.2

Como primeiro comentário, observe que as palavras de Jesus fornecem a razão pela qual os discípulos devem encontrar paz em seus corações, perturbados pela notícia da iminente partida e retorno do Mestre e pela previsão da negação de Pedro (13.36-38). Aqui Jesus também começa a fornecer a base para que os apóstolos possam acreditar em Deus e no próprio Jesus (14.1).⁴⁷ Assim, deve-se inserir mentalmente “porque” no início do versículo 2, “... creiam também em mim [porque] na casa de meu Pai há muitas moradas...” As palavras da promessa em

42 A cláusula “se” do versículo 3 consiste apenas em εἰ δὲ μή. O restante da frase é gramaticalmente completo e ἄν na oração “então” indica uma condição contrária ao fato. Como o único verbo explícito fornecido é o indicativo aoristo (εἶπον), pode-se esperar uma condição contrária ao fato no passado: “Se [isso] não [tivesse sido assim], eu teria lhe contado”. No entanto, sentenças condicionais mistas não são infrequentes, e também poderia ser um presente contrário ao fato: “[Se] isso não fosse [assim], eu lhe diria”. Nem essa decisão nem o fato de ser uma afirmação ou uma pergunta afetam o argumento deste ensaio.

43 A conjunção ὅτι pode expressar uma causa ou fundamento (“porque”) ou discurso indireto (“que”). Não está claro que Jesus já tenha dito essa verdade aos discípulos antes, portanto, traduzir como discurso indireto, “Eu teria dito a vocês que...” faz menos sentido. O fato de que Jesus irá preparar um lugar na casa de seu Pai é a razão pela qual ele diria (ou teria dito) a eles de forma diferente antes de ir.

44 O presente do indicativo ἐρχομαι é rotineiramente entendido em um sentido futuro, especialmente à luz do futuro do indicativo παραλήμψομαι que vem logo a seguir.

45 Cerca de trinta vezes no NT παραλαμβάνω significa “levar junto, levar embora (para algum lugar)”. Cerca de quinze vezes no NT significa “receber (geralmente uma tradição transmitida)”. Em João, o verbo ocorre apenas três vezes. Em João 1.11, ele significa “receber”. Em João 19.16, provavelmente significa “levar consigo para algum lugar”, mas o sentido menos comum também é possível (“Então eles receberam Jesus e, carregando a cruz, ele saiu”). Aqui, dada a frase preposicional πρὸς ἑμαυτὸν (“para mim mesmo”), o sentido menos comum é provável. A questão não é o fato de os discípulos se mudarem, mas o fato de Jesus vir até eles. Ele não está dizendo: “Eu os levarei a algum lugar *para mim*”. O sentido é: “Eu voltarei e os receberei para mim”. Essa imagem tem um forte paralelo em João 12.32: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo (πάντας ἐλκῶσω πρὸς ἑμαυτὸν)” (tradução minha).

46 Eu usei os pronomes (tecnicamente) desnecessários ἐγώ e ὑμεῖς enfaticamente. O uso abundante de pronomes pessoais por João pode atenuar um pouco essa força.

47 Não há nenhuma indicação, é claro, de que as palavras de Jesus tenham conseguido acalmar os discípulos. Somente depois de sua morte e ressurreição, ou seja, depois de sua glorificação, o Espírito faria com que as palavras de Jesus viessem à lembrança deles (14.26).

14.2-3 estão firmemente ligadas ao contexto próximo, e, em primeiro lugar, elas abordam a angústia dos discípulos naquela noite no cenáculo.

A frase inicial em 14.2 levanta a questão mais importante de interpretação: a que Jesus se refere com as palavras “a casa de meu Pai”? Considerando o pano de fundo do AT, as duas respostas mais prováveis são (1) a morada de Deus no céu ou (2) o templo na Terra *em algum sentido*. O fato de a frase de Jesus poder se referir à morada de Deus no céu certamente não está fora de questão. O *conceito* geral de Deus habitando nos céus é amplamente bíblico. Embora seja raro no AT ⁴⁸ que o céu seja chamado especificamente de “casa” ou “templo” de Deus, esse uso ocorre. James McCaffery chama a atenção para Miqueias 1.2, onde o Texto Massorético denomina o céu como “seu santo templo” (כְּבֹד יְהוָה יִשְׁכְּן), e a LXX traduz essa frase como “sua santa casa” (οἶκος ἅγιος αὐτοῦ)⁴⁹. Aparentemente confiando na verdade *geral* de que Deus habita no céu, então, a grande maioria dos comentaristas encontra em João 14.2 uma referência à morada celestial de Deus; para alguns, isso parece tão evidente que eles não oferecem nenhum argumento positivo a favor.⁵⁰

Contra essa visão majoritária, no entanto, há duas fortes razões para concluir que “a casa de meu Pai” não apenas expressa a “linguagem do templo”, mas também, nesse contexto, a frase se refere especificamente

48 Não tenho conhecimento de que a literatura do Segundo Templo nomeie o céu como “a casa de Deus” com alguma frequência. Brown, *John*, 2.625, escreve: “Considerando o contexto judaico, ‘a casa de meu Pai’ provavelmente deve ser entendida como o céu. Filon (*De Somniis* I 43; #256) fala do céu como ‘a casa paterna’”. Essa é a única citação específica do judaísmo primitivo que encontrei na literatura. Barrett, *John*, 456 cita a mesma passagem em Filon, explicando que, para Filon, a ideia é “o retorno da alma do exílio na carne para o céu” – um conceito que dificilmente é encontrado no NT. Michael, “οἶκος κτλ”, p.123, cita Filon, *De Somniis*, 1.149, onde o filósofo fala da alma individual se tornando a casa de Deus. Eu alego ignorância aqui, mas não é evidente para mim que os judeus na época de Jesus comumente se referiam ao céu como “a casa de Deus” ou “a casa do Pai”.

49 Observado em James McCaffery, *The House With Many Rooms: The Temple Theme of Jn. 14,2-3*. (Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1987), 54. Ele cita também Is 63.15, Dt 26.15. Em Is 63.15, o termo “templo” (כְּבֹד) do TM é traduzido por “casa” (οἶκος) da LXX. Em Dt 26.15, a “habitação” (יְהוָה) do TM também é traduzida na LXX como “casa” (οἶκος). Embora “templo” (כְּבֹד), nos salmos, muitas vezes se refira claramente ao templo de Jerusalém (Sl 5.7; 27.4; 48.9; 65.4; 68.29; 79.1; 138.2), às vezes se refere ao céu, ou talvez tanto ao templo quanto à habitação de Deus no céu; veja, por exemplo, MT Sl 11.4, 18.7 (LXX 10.4 e 17.6 traduzem ambos com *ναός*).

50 Para essa rápida identificação, consulte Carson, *John*, 491; Bruce, *John*, 297. Alford, *John*, p.849, cita Sl 33.13,14; Is 63.15. Coloque, “Temple Imagery”, p.374, diz que “a maioria dos comentaristas” tem esse ponto de vista.

ao próprio Jesus como o novo templo.⁵¹ Essas razões são (1) as maneiras pelas quais o testemunho do AT sobre (o tabernáculo e) o templo se cruzam com as palavras de Jesus em 14.2-3, bem como (2) as influências do próprio João que já foram pesquisadas acima. Observe três aspectos do contexto do AT.

Em primeiro lugar, há o aspecto das referências textuais específicas e extremamente comuns. Na LXX do Antigo Testamento, a frase οἶκος (τοῦ θεοῦ) refere-se com tanta frequência ao lugar onde o Deus de Israel está presente de forma única na terra que a frase funciona como “um termo fixo para o santuário ou templo”.⁵² Vemos um duplo exemplo disso, é claro, em João 2.16-17, quando Jesus e a citação do salmo 69.9 nomeiam o templo de Jerusalém como a “casa” de Deus. Além disso, recordemos os cenários de João 14.2-3. No cenáculo, Jesus está falando na época da Páscoa, ocasião em que os sacrifícios do templo estão especialmente em evidência, e em Jerusalém, num lugar que não pode estar longe do templo (literal). Em termos de expressão do AT e dos cenários de João 14, o fato de *Jesus, o único Filho*, referir-se à “casa de meu Pai” seria quase certamente uma “linguagem do templo” aos ouvidos dos apóstolos e dos ouvintes/leitores de João.⁵³

51 Michel, “οἶκος, κτλ.” 132, mostra indiretamente como o contexto joanino é importante para o argumento deste ensaio. Ele considera que “a casa de meu Pai” é uma referência ao céu. Sobre João 14.2, ele diz: “Essa afirmação, que parece ter perdido sua forma original, *está bastante isolada no contexto* e talvez seja mais antiga do que as afirmações ao seu redor” (minha ênfase). Minha sugestão, é claro, é que 14.2-3 são tudo menos contextualmente isolados.

52 McCaffery, House, 49. Vistar, *The Cross-and-Resurrection: The Supreme Sign in John’s Gospel* (Tübingen, Alemanha: Mohr Siebeck, 2019), 97-98, diz que “. . . no AT, o templo era comumente descrito como הוהי תיב (“a casa de Deus”)), e ele cita 1Cr 9.11, 23; 26.20; 28.6; Ed 3.8-9; Ne 13.4, 9; Sl 5.8; 135.1-2. Dei uma rápida olhada em todos os exemplos de “casa” do AT (תיב na MT, οἶκος ou οἰκία na LXX). Muitas vezes tem um sentido corporativo ou comunitário, como em “a casa de Davi”, a “casa de Israel”. Algumas vezes o tabernáculo é denominado dessa forma, mas o templo de Jerusalém é chamado de “esta casa”, “a casa de Deus/Yahweh”, “minha casa”, etc., dezenas e dezenas de vezes, especialmente nos profetas antigos.

53 Jesus não diz “a casa do Pai” ou “a hora do seu/nosso Pai”. Ele diz: “A casa de meu Pai”. Em João, Deus é preminentemente conhecido como o Pai de Jesus; veja 5.17, 43; 6.32, 40; 8.19, 47, 54; 10.18, 25, 29, 37; 14.2, 7, 20, 21, 23; 15.1, 8, 10, 15, 23, 24. Deus nunca é chamado de Pai dos discípulos de Jesus até 20.17. *A frase “a casa de meu Pai” é equivalente a “a casa de Deus”*. Aqueles que admitem que ἡ οἰκία τοῦ πατρὸς μου alude ao templo, mas que, no entanto, rejeitam qualquer referência a um templo na terra incluem Barrett, *John*, 456; O. Michel, “οἶκος, κτλ.” TDNT 5.122; Westcott, *John*, 167. Keener, *John* 2.932 afirma que “a maioria dos estudiosos vê [a frase] como uma alusão ao templo”.

Em segundo lugar, considere como os dois temas do AT – a habitação de Deus nos céus e o templo terrestre como a casa de Deus – funcionam de forma diferente. Por um lado, a verdade de que Deus habita no céu oferece principalmente um *contraste* com a terra e com o reino da humanidade; isso enfatiza a *distância* entre os dois.⁵⁴ O mais alto dos céus é a morada somente de Deus, de onde ele olha para baixo para ver os afazeres humanos (Sl 33.13-14; Is 63.15). É por isso que o povo de Deus suplica a ele que desça para redimir.⁵⁵ O povo de Deus não habita lá, nem seu futuro implica tal promessa. O Deus salvador do AT, que habita nos céus, salva precisamente *ao descer*.

Por outro lado, o testemunho do AT sobre o tabernáculo ou templo como a casa de Deus enfatiza a verdade graciosa da *proximidade* de Deus com seu povo. A oração dedicatória de Salomão, para dar apenas o exemplo mais óbvio, justapõe esses dois temas do AT. Deus de fato habita nos céus, embora essa afirmação não possa ser literalmente verdadeira! (1Rs 8.27). No entanto, em sua oração, Salomão pede a Deus que habite em Jerusalém, “nesta casa” que ele construiu, para que o nome de Deus esteja presente, por causa desse nome e por causa de todos os que oram em direção a “esta casa” (1Rs 8.20, 27, 29, 33, 38, 42, 43, 44, 48).

As palavras de Jesus em João 14.2-3 encontram um “encaixe” natural com a ênfase do AT na proximidade de Deus com seu povo por meio de sua morada no templo. Jesus preparará para os discípulos muitas moradas na casa de seu Pai. Depois de prepará-los, eles encontrarão um lugar para si mesmos quando ele os receber, e onde Jesus estiver, eles também estarão. Essa é uma forte promessa de proximidade, de encontrar um lugar perto de Jesus e de seu Pai. Esse encaixe torna mais provável que o contexto do AT que informa as palavras de Jesus sobre “a casa de meu Pai” esteja relacionado à verdade da proximidade de Deus com seu povo no templo na Terra.

Intimamente relacionada a esse segundo ponto, há uma terceira ênfase do AT, especialmente porque Jesus promete que há muitas moradas

54 McCaffery, *House*, 54, n.29 comenta: “Na visão de mundo em três níveis do AT, o céu é a morada própria de Deus, distante dos homens e inacessível a eles (cf. Is 14, 12-15)”. Para um exemplo no NT, veja 1Tm 6.16.

55 Isso é explícito no contexto de Mq 1.2, onde o céu é chamado de “templo” de Deus. O versículo seguinte diz: “Porque eis que o SENHOR sai do seu lugar; *ele desce* e anda sobre os altos da terra” (Mq 1.3; grifo do autor).

naquela casa/templo. Essa terceira ênfase do AT é o anseio, expresso nos salmos, de que os crentes possam *habitar* na casa de Deus, no templo, nos “átrios do Senhor”. Lá se pode encontrar segurança, consolo e refrigério: “Uma coisa peço ao SENHOR e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo” (Sl 27.4).⁵⁶ Esse tema é duplicado nas palavras de Jesus em João 14.2. Originalmente, o(s) templo(s) de Jerusalém tinha(m) câmaras ou cômodos que faziam parte do complexo literal do templo. De maneira mais ampla, muitas moradas farão parte do novo templo escatológico, que é o próprio Jesus.⁵⁷

Assim, o AT apoia de várias maneiras uma referência ao templo em João 14.2-3, a saber, por meio de (1) a designação fixa e estereotipada do templo terrestre como “a casa de Deus”, (2) a promessa da proximidade de Deus com seu povo em “sua casa” na terra, e (3) o desejo dos crentes de habitar nos átrios do Senhor, ou seja, no templo, onde encontram proteção, sabedoria e beleza.⁵⁸ Essas três características do AT, eu insistiria, guiam o leitor/ouvinte na compreensão das palavras de Jesus sobre habitar em “a casa de meu Pai”.

Em termos de apoio no evangelho de João para considerar “a casa de meu Pai” como uma referência ao próprio corpo de Jesus, a breve pesquisa da “cristologia do templo” de João acima é suficiente para mostrar sua importância.⁵⁹ Os temas do AT e a própria cristologia de João se combinam

56 Timothy E. Saleska, *Psalms 1-50* (Concordia Publishing House, 2020) 462, “Em outras palavras, tudo o que ele quer é habitar com Yahweh, porque ele sabe que ... o santuário é o lugar onde Yahweh se permite ser encontrado”. Veja também os salmos 5.7; 23.6; 26.8; 27.4; 65.4; 84.1-5; 92.12-13. Na LXX, esses versículos se conectam com João 14.2-3 no nível da redação, referindo-se ao tabernáculo ou templo como οἶκος; veja οἶκος σου (Sl 5.8; 25.8; 64.5; 83.5) e οἶκος κυρίου (Sl 22.6; 26.4; 91.14).

57 A presença de *muitas* moradas na nova casa do Pai de Jesus pode indicar a superioridade antitípica do novo templo que é Jesus. McCaffery, 67, comenta sobre “ampla evidência além [da divisão tripartite de pórtico, lugar santo e Santo dos Santos] para mostrar que o próprio templo de Jerusalém tinha várias ‘salas’ ou apartamentos internos”. Levine, “Temple”, p.1288, observa que Josefo e Mishnah se referem a diferentes câmaras ou salas (citando J.W. 5.200; 6:282 e m. Mid. 5:3-4).

58 Nessas referências do AT, não se pensa em habitar (ou mesmo entrar) no santuário propriamente dito; essa entrada é limitada a atividades sacerdotais específicas.

59 Alguns se opõem ao fato de “a casa de meu Pai” ser o próprio corpo de Jesus, porque a imagem de ter “moradas” no corpo literal de Jesus é muito dura. Kerr, *Temple*, 293, escreve: “Sugerir que ‘muitos lugares de habitação’ para os discípulos estavam no corpo *literal* de Jesus seria bizarro. Mas identificar ‘a casa de meu Pai’ com Jesus em algum sentido seria possível”. É de se perguntar: esse é, afinal, o evangelho em que se diz que os discípulos mastigavam a carne de Jesus e bebiam

para responder à pergunta mais importante apresentada em João 14.2-3. A “casa de meu Pai” se refere de forma enigmática ao próprio Jesus, ao seu próprio corpo como o local da nova presença do templo de Deus no mundo.⁶⁰ Jesus manifesta a glória do templo de Deus (1.14; 5.44; 17.5, 22); ele é o lugar onde o nome do templo de Deus está presente para salvar (12.28; 17.6, 26). De uma forma maior do que o templo literal, há muitas moradas no próprio Jesus, onde seus discípulos podem habitar. Eles estarão nele, e ele neles, como (para usar metáforas como o próprio Jesus faz) ramos em uma videira.

A cláusula final do versículo 2 precisa de um breve comentário. As palavras “porque eu vou preparar um lugar para vocês” não devem ser interpretadas como “eu vou para lá (ou seja, para a casa do meu Pai) para preparar um lugar⁶¹ para vocês”. Em vez disso, *Jesus está indo para onde ele disse, no capítulo 13, que estava indo*. Ele está indo para a cruz, para entregar sua vida.⁶² Ao fazer isso e ao voltar como ressuscitado dos mortos, ele preparará um lugar de segurança, paz e refrigério para seus discípulos no novo templo, nele mesmo.⁶³

COMENTÁRIO SOBRE 14.3

No versículo 3, Jesus repete sua intenção de ir para a cruz para preparar um lugar em si mesmo para seus discípulos, prometendo ainda que depois voltará para recebê-los. Se Jesus está indo para a cruz, então

seu sangue (Jo 6), e em que se diz que o próprio Jesus tinha rios de água viva saindo de seu interior (7.38). Doutrinariamente, é claro, Jesus ainda não preparou essas moradas para os discípulos em seu próprio corpo. Isso é o que ele está prestes a fazer; o *μοναί* será preparado em seu corpo crucificado e ressuscitado, ou seja, em seu corpo glorificado.

60 Tudo o que Jesus diz aos discípulos no cenáculo é enigmático, ou seja, oculto para eles. Somente após a ressurreição de Jesus é que eles podem se lembrar e entender qualquer uma dessas coisas.

61 O “lugar” (τόπος) refere-se à mesma coisa que as “muitas moradas” (μοναί πολλαί).

62 Para ter certeza, a ida de Jesus à cruz é um “sub-movimento” em sua jornada de volta ao Pai. Os verbos *ὑπάγω*, *πορεύομαι*, *έρχομαι*, *ἀπέρχομαι* e *ἀκολουθέω* ocorrem com uma circularidade vertiginosa em João 14-16. João emprega *ὑπάγω* e *πορεύομαι* como sinônimos; compare 14.2-3 com 14.4, 28. Compare também esses mesmos verbos que se referem à ida de Jesus para o Pai (*ὑπάγω* em 13.3, 16.5, 10, 17, e *πορεύομαι* em 16.7, 28). Quando o Filho e/ou o Pai vêm aos discípulos, João parece empregar *έρχομαι* com alguma consistência; veja 14.3, 18, 23, 28.

63 Kerr, *Temple*, 307, “Jesus prepara ativamente ‘um lugar’ para seus discípulos ao morrer, ressuscitar e ascender ao Pai. A preparação é feita por meio de sua paixão”.

o próximo estágio de sua jornada é retornar em seu corpo ressuscitado e glorificado para seus seguidores. Assim como outros, considero “voltarei” como uma referência à ressurreição de Cristo dentre os mortos, à retomada da vida que ele entregou livremente.⁶⁴

Observe que, se eu puder enfatizar esse ponto novamente, Jesus está fazendo praticamente todas as mudanças. Ele vai para preparar um lugar e depois voltar. Mais adiante, ainda em João 14, Jesus enfatiza de forma semelhante os movimentos divinos quando fala de sua partida e retorno, do Espírito sendo enviado e, especialmente, do Pai e do Filho juntos vindo para habitar com os crentes (14.23). O único movimento por parte dos discípulos é o de serem recebidos por Jesus, de virem a Jesus.⁶⁵ Não há nada que fale de Jesus levando os discípulos a algum lugar.⁶⁶ De fato, o propósito de sua volta é que eles possam estar onde ele está, encontrando seu lugar nele depois que ele voltar para eles. O fato de que tudo isso será realizado por meio da morte de Jesus (que os deixará por um tempo) e de sua ressurreição (que voltará para eles) é ressaltado pela expressão fortemente paralela em João 12.32-33: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”. Ele disse isso para mostrar com que tipo de

64 Keener, *John*, 2.930; Schuchard, *The Word*, 77, 82, 105. Outros que veem uma referência múltipla em “‘Eu voltarei’, que inclui o retorno de Cristo na Páscoa para os discípulos, incluem Westcott, *John*, 168 e Alford, *John*, 849.

65 Em João, esse é o principal e, de fato, quase o único “movimento” por parte dos discípulos de Jesus. A tradução da NVI de 14.3 “levá-los para estar comigo” é gramaticalmente possível (dada a flexibilidade de *πρός* com o acusativo). Essa tradução, entretanto, poderia implicar que Jesus levará os discípulos para outro lugar. Outros comentaristas concordam com a implicação da NVI. Bruce, *John*, 297, escreve: “Ele vai preparar um lugar para eles e, tendo feito isso, voltará e os levará para lá”. Nesse contexto, estou sugerindo que é exatamente isso que Jesus não está dizendo. Ele não levará os discípulos para outro lugar. Ele virá até eles e os receberá (ou os atrairá) para si, naquele momento e ali. Para esse significado de *παραλαμβάνω* como “receber”, consulte João 1.11 e as notas de tradução acima sobre o versículo 3.

66 O fato de os discípulos permanecerem “parados” enquanto Jesus e/ou o Pai vêm até eles é totalmente consistente com o ensino do NT sobre como a salvação – seja ela inaugural ou final – acontece. Sem dúvida, quando a morte divide os discípulos de Jesus em duas partes (corpo e alma), a alma “parte” (Fp 1.22-23) para um descanso abençoado com Cristo. No entanto, o NT não descreve a salvação final como a ida dos discípulos de Jesus para qualquer lugar. Em vez disso, o Senhor desce, o mestre retorna, os iníquos são expulsos e o povo de Deus entra na alegria criada por seu Senhor no novo céu e na nova terra que desceram de Deus. As duas cláusulas do Credo Niceno são totalmente fiéis à apresentação da Bíblia. “Aquele que desceu do céu por nós e para nossa salvação... ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos”. Deus se move. Nós não.

morte iria morrer”.⁶⁷ Na cruz, Jesus atrairá todos para si; ressuscitado dos mortos, Jesus receberá os discípulos para si. O resultado é que onde Jesus estiver, lá estarão seus discípulos, seguindo-o (12.26; 17.24). Isso significa também que seus discípulos, ao serem recebidos por Jesus, por ele, também virão ao Pai (14.6), que também é quem atrai as pessoas a Jesus (6.44).

Em primeiro lugar, então, as palavras de Jesus “Eu virei outra vez e os receberei para mim mesmo” referem-se às suas aparições pós-ressurreição em João 20 a Maria, aos dez na sala trancada, aos onze uma semana depois (incluindo Tomé) e em João 21 aos sete discípulos.⁶⁸ Na Galileia, as palavras de Jesus a Simão Pedro em 13.38, “Depois você me seguirá”, tornam-se realidade: “E depois de dizer isso, [Jesus] disse a [Simão]: ‘Siga-me’” (Jo 21.19).

Em segundo lugar, porém, as palavras de Jesus “Eu virei outra vez e os receberei para mim mesmo” também se referem ao envio do Espírito Santo sobre o qual Jesus fala no restante de João 14. Essa *dupla* referência ocorre várias vezes em João 14.15-31. É, sem dúvida, uma referência dupla, que se aplica, no primeiro caso, aos apóstolos e a outros que foram os primeiros a receber o fruto da promessa de Jesus: “Porque eu vivo, vocês também viverão” (14.19). Os apóstolos são aqueles a quem Jesus disse pela primeira vez: “Recebei o Espírito Santo” (20.22).

A promessa de que Jesus receberá discípulos para si mesmo, no entanto, se estende às gerações seguintes. Jesus está indo para o Pai (14.12, 28), ou seja, ele ascenderá ao céu. Parece provável que o evangelho de João implique que, juntamente com a dádiva do Espírito aos apóstolos (20.22), outro envio do Espírito (ou seja, no Pentecostes) se aplicará a todas as gerações subsequentes de discípulos, nas quais o Pai e o Filho virão e farão morada (14.23). Além disso, o Espírito é aquele que faz com que as palavras de Jesus sejam lembradas. Esse Espírito virá para as futuras

67 João 12.32 diz πάντας ἐλκίσω πρὸς ἑμαυτόν, “todos atrairei a mim”. João 14.3 diz παραλήμφομαι ὑμᾶς πρὸς ἑμαυτόν. O “atrair” é equivalente ao “recebimento”. Essas são as duas únicas ocorrências da frase preposicional πρὸς ἑμαυτόν em João.

68 João 16.16-23 emprega a linguagem de “não ver e depois ver” para se referir à Páscoa, assim como “Eu voltarei” faz em 14.3. No cenáculo, Jesus prediz: “Portanto, agora vocês estão tristes, mas outra vez eu os verei, e *o coração de vocês se alegrará*, e ninguém lhes tirará a alegria” (16.22). No quarto trancado, Jesus aparece aos apóstolos, e João narra: “E depois de ter dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado; então *os discípulos se alegraram* porque tinham visto o Senhor” (20.20, tradução minha).

gerações de crentes que “crerão em mim pela palavra deles” (17.20). A promessa de Jesus, portanto, vale (embora indiretamente) para as gerações que acreditam por meio da palavra apostólica: “Eu os receberei para mim mesmo, para que onde eu estiver, vocês também estejam”. Todos os crentes estão em Cristo; todos os crentes já têm sua morada na casa do Pai de Jesus, no templo que é o próprio Jesus.

CONCLUSÃO E DIREÇÃO HOMILÉTICA

As palavras de Jesus em João 14.2-3 manifestam a escatologia realizada ou inaugurada do evangelho de João. Especificamente, esses versículos expressam o tema de João sobre Jesus como o novo templo escatológico. Ele próprio é a casa de seu Pai; é por isso que ele fala com tanta frequência de sua total unidade com o Pai, de estar no Pai e de o Pai estar nele, e assim por diante. Como o verdadeiro templo de Deus, Jesus cumpre de forma mais ampla as funções do primeiro templo e, nele, o anseio dos salmistas de habitar nos átrios do Senhor encontra sua realização.

Começando com Maria Madalena e os apóstolos, o Jesus crucificado e ressuscitado vem até eles para atraí-los para si na fé. Ao serem atraídos para Jesus, os discípulos começam a habitar na casa do Pai, encontrando expiação pelo pecado, graça, glória, beleza, proteção e verdade. A promessa do Senhor continua a se cumprir nas gerações que ouvem a palavra dos apóstolos dirigida pelo Espírito. Outros creem e também encontram um lugar para morar na casa do Pai. De fato, o Pai e o Filho vêm e fazem sua morada com os crentes onde quer que a palavra apostólica seja crida.

Esse entendimento de João 14.2-3 é certamente “pregável”, seja durante a época da Páscoa ou no funeral de um cristão. Nesse último contexto, o pastor teria que considerar o entendimento popular e sugerir gentilmente esse significado mais contextual. É possível fazer isso de forma simples, por exemplo, com a frase “as boas novas são melhores do que você imaginava”. Não precisamos esperar até a morte para encontrar um lugar na casa do Pai. O anseio do salmista já se tornou realidade para nós. Essa proximidade, proteção, perdão e beleza já eram presentes de Deus desde a nossa conversão, desde a nova vida que começou no batismo.

Esse sermão poderia enfatizar o *poder* da presente dádiva da vida eterna, um poder muito maior até mesmo do que o grande inimigo da morte. Nessa proclamação, o poder da morte pode ser totalmente reconhecido. Sentimo-nos *impotentes* diante da morte, e de fato somos. Não podemos impedi-la; não podemos revertê-la. Ela é um sinal da corrupção do mundo e de nossa própria incompletude – mesmo para os amados filhos de Deus. Morremos porque ainda somos pecadores. E a morte nos afasta uns dos outros, até de nós mesmos, e nos deixa sozinhos. Nós nos sentimos sozinhos.

Apesar de seu poder alienante, no entanto, a morte não pode tirar a promessa de que a vida eterna já começou, de fato, que já temos um lugar com Deus que começou há muito tempo – quando primeiro nos foi dado um lugar em Jesus. Pois ele é a casa do Pai; ele é onde o Pai pode ser encontrado. Ele é a fonte de todas as bênçãos do templo que Deus concede: perdão, segurança, vida. Esperamos com confiança na promessa de vida que a morte não destruiu e não pode destruir. Essa vida em Jesus é tão forte que, um dia, assim como Cristo retomou sua vida em vitória, nós, que morremos, faremos o mesmo. Pois já temos uma morada, um lugar na casa do Pai, isto é, em Jesus, nosso Salvador.